

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

23



Ἐπισημαίνεται ὅτι ἡ ἀρχαία ἑλληνικὴ λέξις
καὶ τὸ ἑλληνικὸν ὄνομα τῆς πόλεως
ΜΗΝΙΝ ΑΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

Jones opta por dividir a sua investigação em três partes, com os quais pretende alcançar os objectivos a que se propõe. Assim, ao longo de três capítulos, que se dedicam respectivamente à *Paideia*, à *Andreia* e à ideologia sexual, Jones caracteriza aqueles que de algum modo podem ser categorizados como os principais domínios da definição da masculinidade, contribuindo assim para uma arguta definição histórico-sociológica, ao mesmo tempo que avança com subsídios significativos para o estudo do romance antigo enquanto género literário e sobretudo expressão cultural de um tempo e de uma sociedade.

Na verdade, e em síntese, podemos afirmar que a pergunta de partida de M. Jones para este estudo é «o que é ser homem no romance grego antigo?», o que é o mesmo que dizer «o que é ser homem na sociedade que originou o romance grego antigo?». A resposta vai-se definindo e construindo ao longo das 297 páginas do estudo, que acaba por constituir a tese de doutoramento de M. Jones.

De salientar ainda que, neste processo de definição, torna-se incontornável o processo de definir «A» (neste caso, o homem) com recurso e por oposição e reflexo em espelho de «B» (que se afirma na mulher). A alteridade é inevitável. Neste sentido, aquele que passa por ser um estudo sobre o masculino e a masculinidade na Antiguidade Clássica acaba por se revelar também, por comparação, um importante estudo sobre o feminino no mesmo período e contexto.

O rigor e a competência filológica de Jones fazem deste livro um manual de consulta quase obrigatório para todos os que, doravante, desejarem conhecer e saber o que é «ser homem» e «ser mulher», enquanto categorias sociológicas, na Antiguidade Clássica.

Nuno Simões Rodrigues

DANIEL ORRELLS, *Classical Culture and Modern Masculinity*, Oxford, New York: Oxford University Press, 2011, 301 pp. ISBN 978-0-19-923644-2

Uma das mais-valias deste estudo de D. Orrells deverá estar no facto de o mesmo não se centrar no tema da pederastia grega na Antiguidade (já estudado por nomes conceituados como Dover, Sergent – alias incompreensivelmente omissos na bibliografia – e Cantarella), mas sim, e sobretudo, na recepção do mesmo em autores e contextos culturais contemporâneos. Ao longo de 301 páginas, Orrells disserta sobre a presença do tema em autores como Oscar Wilde, E. M. Forster, J. A. Symonds e Sigmund Freud,

analisando a função que o mesmo assumiu nos seus escritos mas também nas circunstâncias culturais em que viveram, designadamente na Inglaterra e na Alemanha de Oitocentos e de inícios do século XX. O livro vai, aliás, ao encontro do estudo publicado por Linda Dowling em 1994, *Hellenism and Homosexuality in Victorian Oxford*.

Neste sentido, o livro de Orrells compromete-se com a análise de problemáticas relacionadas com a história da cultura e da literatura da Antiguidade, mas também da história social e das mentalidades da época contemporânea. Parece-nos evidente, que é impossível compreender na plenitude a obra de Wilde, por exemplo, sem ter esta questão no horizonte. E o mesmo pode dizer-se em relação à teoria da sexualidade de Freud. Cremos que estes dois exemplos são suficientes para percebermos a importância do estudo de Orrells. Do mesmo modo, avaliamos a pertinência do tema a partir também do ambiente cultural de vésperas da emergência do nacional-socialismo na Alemanha dos anos 20-30 do século passado, permitindo uma visão evolutiva da forma como a problemática do «amor grego» foi entendida em contexto contemporâneo, do tabu à sua ausência e ao seu regresso, e como isso condicionou a visão ocidental dos Gregos e da cultura grega. Neste sentido, é ainda de salientar um outro aspecto, que consideramos ser particularmente positivo, de o estudo em recensão ser sintoma da tão necessária ponte, mas ainda titubeante, entre os especialistas em culturas da Antiguidade e os que trabalham em áreas mais modernas e contemporâneas, e que produziu já trabalhos tão importantes como os que têm vindo a ser publicados na colecção conhecida como *Antiquity & Its Legacy* (I. B. Tauris).

A perspectiva apresentada pelo A. abre ainda caminhos para uma compreensão mais abrangente da obra de Foucault, designadamente os estudos que dedicou à história da sexualidade no Mundo Antigo, permitindo uma perspectiva alargada das inquietações daquele pensador francês, mas sobretudo para as linhas que têm orientado a história do género nas últimas décadas. O livro inclui uma bibliografia actualizada, ainda que pudesse ser enriquecida com estudos francófonos.

Nuno Simões Rodrigues

CRAIG A. WILLIAMS, *Reading Roman Friendship*, Cambridge: Cambridge University Press, 2012, 378 pp. ISBN 978-1-107-00365-1 (£68.00, US\$114.00)

Depois do brilhante estudo que em 1999 publicou acerca do homossexualismo na Roma Antiga (tema até então quase inédito, havendo todavia